

SVETLANA ALEKSIÉVITCH

# As últimas testemunhas

*Crianças na Segunda Guerra Mundial*

*Tradução do russo*  
Cecília Rosas

  
PRÊMIO NOBEL  
COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2013 by Svetlana Aleksievitch

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*

Последние свидетели

*Capa*

Daniel Trench

*Foto de capa*

The Montifraulo Collection/ Getty Images

*Preparação*

Paula Colonelli

*Revisão*

Isabel Cury

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Aleksievitch, Svetlana

As últimas testemunhas : Crianças na Segunda Guerra Mundial / Svetlana Aleksievitch; tradução do russo Cecília Rosas. — 1ª ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

Título original: Последние свидетели.

ISBN 978-85-359-3151-8

1. Guerra Mundial, 1939-1945 – Crianças – União Soviética 2. Guerra Mundial, 1939-1945 – Narrativas pessoais 3. Memórias 1. Título.

16-18033

CDD-940.54217082

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Russas: Narrativas pessoais : Guerra Mundial, 1939-1945 940.54217082

Iolanda Rodrigues Biode — Bibliotecária — CRB-8/10014

[2018]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

[facebook.com/companhiadasletras](https://facebook.com/companhiadasletras)

[instagram.com/companhiadasletras](https://instagram.com/companhiadasletras)

[twitter.com/cialetras](https://twitter.com/cialetras)

## Em lugar de prefácio...

... uma citação

*Na época da Grande Guerra Patriótica (1941-5), morreram milhões de crianças soviéticas: russas, bielorrussas, ucranianas, judias, tártaras, letãs, ciganas, cazaques, uzbeques, armênias, tajiques...*

Revista *Drujba Naródov*, 1985, n. 5

... e uma pergunta de um clássico russo

No passado, Dostoiévski fez a seguinte pergunta: e será que encontraremos absolvição para o mundo, para a nossa felicidade e até para a harmonia eterna se, em nome disso, para solidificar essa base, for derramada uma lagrimazinha de uma criança inocente? E ele mesmo respondeu: essa lagrimazinha não legitima nenhum progresso, nenhuma revolução. Nenhuma guerra. Ela sempre pesa mais.

Uma só lagrimazinha...

“ELE TINHA MEDO DE OLHAR PARA TRÁS...”

*Jênia Belkiévitch, seis anos. Hoje: operária*

Junho de 1941...

Ficou na minha memória. Eu era bem pequena, mas guardei tudo na memória...

A última coisa que me lembro da vida de paz é uma historinha, mamãe a lia de noite. Era a minha preferida, a do Peixinho Dourado. Eu também sempre pedia algo para o Peixinho Dourado: “Peixinho Dourado... Querido Peixinho Dourado...”. Minha irmãzinha também pedia. Mas pedia de outro jeito: “Por ordem do lúcio, por minha vontade...”.<sup>\*</sup> Queríamos ir para a casa da vovó no verão, e que o papai fosse conosco. Ele era tão alegre.

Uma manhã acordei de medo. Uns sons desconhecidos...

<sup>\*</sup> Referência a dois contos infantis em que o peixe concede desejos ao personagem. [Esta e as demais notas são da tradutora.]

Mamãe e papai achavam que estávamos dormindo, mas eu estava deitada ao lado da minha irmãzinha e fingia que estava dormindo. Vi que papai ficou muito tempo beijando a mamãe, beijava o rosto, as mãos, e eu me espantei: nunca antes ele a havia beijado daquele jeito. Eles saíram para o pátio de mãos dadas, dei um pulo e fui para a janela: minha mãe estava pendurada no pescoço do meu pai e não o deixava ir. Ele a arrancou e saiu correndo, ela o perseguiu, de novo não soltava e gritava algo. Então eu também comecei a gritar: “Papai! Papai!”. Minha irmãzinha e meu irmãozinho Vássia acordaram, ela viu que eu estava chorando e soltou um grito: “Papai!”. Todos nós saímos para o terraço da entrada: “Papai!”. Meu pai nos viu, lembro como se fosse hoje, cobriu a cabeça com as mãos e foi andando, até sair correndo. Ele tinha medo de olhar para trás.

O sol batia no meu rosto. Tão quente... Mesmo agora não consigo acreditar que naquela manhã meu pai foi para a guerra. Na época eu era bem pequena, mas acho que tinha consciência de que eu o estava vendo pela última vez. Nunca mais me encontraria com ele. Eu era muito... muito pequena...

Foi assim que ficou associado na minha memória — guerra é quando o meu pai não está...

E depois me lembro do céu preto e dos aviões pretos. Ao lado da rodovia estava minha mãe, deitada, com os braços abertos. Nós pedíamos que ela se levantasse, e ela não levantava. Não ficava de pé. Os soldados enrolaram a mamãe numa *plasz palatka*\* e a enterraram na areia, naquele lugar mesmo. Nós gritávamos e pedíamos: “Não enterrem a nossa mãe na vala. Ela vai acordar e vamos continuar o caminho”. Uns besouros grandes rastejavam pela areia... Eu não conseguia imaginar como mamãe ia viver embaixo da terra com eles. Como a gente ia localizá-la

\* Uma “capa-barraca” é uma capa de chuva que podia ser usada como barraca.

depois, como a gente ia se encontrar? Quem iria escrever para o nosso pai? Um dos soldados me disse: “Menina, como você se chama?”. Mas eu tinha esquecido. “Menina, qual é o seu sobrenome? Como é o nome da sua mãe?” Eu não lembrava... Ficamos sentados junto ao montinho da mamãe até a noite, até que nos pegaram e nos puseram em uma telega. Uma telega cheia de crianças. Um velho conduzia, recolhia todas pela estrada. Chegamos a uma aldeia desconhecida e nos distribuíram pelas *khatas*\* de pessoas desconhecidas.

Passei muito tempo sem falar. Só olhava.

Depois, me lembro, era verão. Um verão luminoso. Uma mulher desconhecida me fazia cafuné. Eu comecei a chorar. E comecei a falar... A contar sobre minha mãe e sobre meu pai. Como papai correu de nós e nem olhou para trás... Como a mamãe estava deitada... Como os besouros rastejavam pela areia...

A mulher me fazia cafuné. Naquele momento eu entendi: ela parecia minha mãe...

“MEU PRIMEIRO E ÚLTIMO CIGARRO...”

*Guena Iuchkiévitch, doze anos. Hoje: jornalista*

Na manhã do primeiro dia de guerra...

Fazia sol. E uma tranquilidade incomum. Um silêncio incompreensível.

Nossa vizinha, esposa de um militar, saiu para o pátio chorando muito. Ela cochichou algo para mamãe, mas fez sinal para não falar. Todos estavam com medo de proferir em voz alta o que havia acontecido, mesmo quando já sabiam pois alguém já tinha

\* Casa típica da Ucrânia.

lhes dito. Mas eles tinham medo de ser chamados de provocadores. De alarmistas. E isso era mais terrível do que a guerra. Eles tinham medo... É o que eu acho agora... E, claro, ninguém acreditava. Imagina só!? Nosso Exército estava nas fronteiras, nossos líderes no Krémelin! O país estava seguramente protegido, era impenetrável para os inimigos! Era o que eu achava na época... Eu era pioneiro.\*

Ligamos o rádio. Esperávamos pelo discurso de Stálin. A voz dele era necessária. Mas Stálin ficou calado. Depois Mólotov fez um discurso. Todos ficaram escutando... Mólotov falou: “Guerra”. Mesmo assim ninguém acreditou. Onde estava Stálin?

Aviões atacaram a cidade... Dezenas de aviões desconhecidos. Com cruzeiros. Eles cobriram o céu, cobriram o sol. Um horror! Choviam bombas... A gente escutava explosões sem parar. Um estrondo. Tudo acontecia como se fosse num sonho. Não na realidade. Eu já não era pequeno, lembro dos meus sentimentos. Do meu medo, que se espalhava por todo o corpo. Por todas as palavras. Pelos pensamentos. Saíamos de casa, corríamos para algum lugar pelas ruas... Eu tinha a impressão de que a cidade já não existia, que era só escombros. Fumaça. Fogo. Alguém falou: tem que correr para o cemitério, porque lá não vão bombardear. Para que bombardear mortos? No nosso bairro havia um grande cemitério judeu, com árvores velhas. E todos saíram correndo para lá, milhares de pessoas se reuniram ali. Abraçavam as pedras, se escondiam atrás das lajes.

Eu e mamãe ficamos sentados lá até a noite. Ninguém ao redor pronunciava a palavra “guerra”, escutei outra palavra: “provocação”. Todos repetiam. As conversas diziam que logo mais nossas tropas iriam para o ataque. Stálin tinha dado a ordem. Acreditavam nisso.

\* A Organização dos Pioneiros da União Soviética promovia atividades com crianças entre dez e quinze anos.

Mas as chaminés das fábricas apitaram a noite toda nos arredores de Minsk...

Os primeiros mortos...

Primeiro... vi um cavalo morto... Depois... uma mulher morta... Isso me surpreendeu. Eu imaginava que na guerra só matavam homens.

Acordava de manhã... Queria levantar, mas depois lembrava: guerra, e fechava os olhos. Não queria acreditar.

Nas ruas haviam parado de atirar. De repente, um silêncio. Por alguns dias tudo ficou calmo. E depois, subitamente, o movimento começou... Por exemplo, ia andando um homem branco, todo branco, das botas ao cabelo. Coberto de farinha. E carregava um saco branco. Outro corria... Dos bolsos caíam latas de conserva, nas mãos levava latas de conserva. Balas... Pacotes de tabaco... Alguém leva consigo um gorro cheio de açúcar. Uma panela com açúcar. Não tem como descrever! Um arrasta um rolo de tecido, outro anda todo embrulhado em chita azul. Vermelha... Era engraçado, mas ninguém ria. É porque haviam bombardeado os armazéns de produtos alimentícios. Uma loja grande, perto da nossa casa... As pessoas correram para escolher o que tinha sobrado. Na fábrica de açúcar algumas pessoas se afogaram nas tinas de melado. Um horror! A cidade inteira roía sementinhas. Em algum lugar tinham achado um depósito de sementes. Diante dos meus olhos uma mulher chegou correndo à loja... Ela não tinha nada: nem saco nem sacola — então tirou a combinação. As calças de baixo. E as encheu de trigo-sarraceno. Levou arrastando. Tudo isso, por algum motivo, em silêncio. Ninguém falava.

Quando chamei minha mãe, havia sobrado mostarda, latas amarelas de mostarda. “Não pegue nada”, mamãe pediu. Depois ela admitiu que estava com vergonha, porque por toda a vida havia me ensinado outra coisa. Mesmo quando estávamos passando fome e lembrávamos daquele dia, mesmo assim não lamentávamos. Minha mãe era assim.



Pela cidade... Os soldados alemães passeavam tranquilamente por nossas ruas. Filmavam tudo. Riam. Antes da guerra tínhamos uma brincadeira que adorávamos, desenhar alemães. Nós os desenhávamos com dentes grandes. Com caninos. E eles estavam andando ali... Jovens, bonitos... Com belas granadas enfiadas nos canos das botas resistentes. Tocavam gaita. Até brincavam com as nossas moças bonitas.

Um alemão idoso estava puxando alguma caixa. A caixa era pesada. Ele me chamou e fez um sinal: “me ajude”. A caixa tinha duas alças, nós as pegamos. Quando terminamos de levar, o alemão deu umas palmadinhas no meu ombro e tirou do bolso um maço de cigarros. “Aqui, o pagamento”, disse. Cheguei em casa. Não resisti, sentei na cozinha e acendi um cigarro. Não escutei que a porta bateu e minha mãe entrou:

— Está fumando?

— Hum...

— E de quem é o cigarro?

— Dos alemães.

— Está fumando, e ainda por cima cigarro do inimigo? Isso é traição à pátria.

Aquele foi meu primeiro e último cigarro.

Uma tarde, minha mãe se sentou ao meu lado:

— Não suporto que eles estejam aqui. Você está me entendendo?

Ela queria lutar. Desde os primeiros dias. Decidimos procurar os clandestinos, não tínhamos dúvidas de que existiam. Não duvidamos nem por um minuto.

— Eu te amo mais do que todo mundo — disse mamãe. — Mas você me entende? Vai me perdoar se acontecer algo conosco?

Fiquei encantado pela minha mãe, a partir dali a escutava sem questionar. E isso depois me marcou para toda a vida.

“A VOVÓ REZAVA... PEDIA QUE MINHA ALMA  
VOLTASSE...”

*Natacha Gólik, cinco anos. Hoje: revisora*

Eu aprendi a rezar... Sempre me lembro de como aprendi a rezar na guerra.

Disseram: “guerra”, e eu — é compreensível — aos cinco anos não imaginei nenhuma situação. Nenhum medo. Mas dormi por medo, justamente por medo. E dormi por dois dias. Passei dois dias deitada, como uma boneca. Todos pensavam que eu havia morrido. Mamãe chorava e vovó rezava. Ela rezou por dois dias e duas noites.

Abri os olhos, e a primeira coisa de que me lembro é a luz. Uma luz forte, forte, extraordinariamente forte. Senti uma dor por causa dessa luz. Escutei a voz de alguém e reconheci: era a voz da minha avó. Vovó estava diante de um ícone e rezava. “Vovó... Vovó...” chamei. Ela não olhou para trás. Não acreditava que era eu que a estava chamando... E eu já tinha acordado... tinha aberto os olhos...

— Vovó — eu perguntava depois —, como você rezava quando eu morri?

— Eu pedia que a sua alma voltasse.

Um ano depois nossa avó morreu. Eu já sabia como rezar. Eu rezava e pedia que a alma dela voltasse.

Mas ela não voltou.

“ELES FICAVAM DEITADOS SOBRE O CARVÃO,  
ROSADOS...”

*Kátia Korotáieva, treze anos. Hoje: engenheira hidrotécnica*

Vou contar do cheiro... Qual é o cheiro da guerra...

A guerra começou logo depois que eu terminei o sexto ano. Na época, o regulamento que havia na escola dizia que a partir do quarto ano todos faziam provas. E tínhamos feito a última prova. Era junho, mas maio e junho de 1941 foram frios. Se na nossa terra o lilás floresce em algum momento de maio, naquele ano ele floresceu no meio de junho. E assim o começo da guerra para mim está para sempre ligado ao cheiro do lilás. Ao cheiro da ceveja-galega... Para mim, essas árvores sempre vão ter cheiro de guerra...

Nós morávamos em Minsk, e eu nasci em Minsk. Meu pai era regente de uma orquestra militar. Eu ia para as paradas militares com ele. Além de mim, na família havia também dois irmãos mais velhos. Claro, todos me amavam e mimavam por eu ser a mais nova, e ainda por cima menina.

Tinha o verão pela frente, tinha as férias pela frente. Era uma alegria. Eu fazia esportes, ia para a Casa do Exército Vermelho para nadar na piscina. E tinham muita inveja de mim, até os meninos da sala tinham inveja. E eu me achava importante porque sabia nadar bem. No dia 22 de junho, um domingo, íamos comemorar a abertura do Komsomolskoe Ozero.\* Passaram muito tempo cavando, construindo, até nossa escola tinha ido em mutirões aos sábados. Eu me aprontava para ser uma das primeiras a chegar para nadar. Mas é claro!

De manhã costumávamos buscar pães frescos. Isso era considerado minha obrigação. Encontrei uma amiga na estrada, ela me disse que a guerra tinha começado. Na nossa rua havia muitos jardins, as casinhas estavam afundadas em flores. Eu pensei: “Que guerra? O que essa menina foi inventar?”.

Em casa, meu pai estava aprontando o samovar... Não con-

\* Lago artificial de Minsk.

segui dizer nada, e os vizinhos começaram a vir correndo, e todos tinham a mesma palavra na boca: “Guerra! Guerra!”. E no dia seguinte, às sete da manhã, trouxeram para meu irmão a notificação do centro de recrutamento. De tarde ele correu para o trabalho e lhe deram dinheiro, ele recebeu o acerto de contas. Com esse dinheiro ele foi para casa e disse para a mamãe: “Estou indo para o front, não preciso de nada. Tome esse dinheiro. Compre um novo casaco para a Kátia”. Eu, logo que passei para o sétimo ano, me tornando uma aluna do ensino médio, comecei a sonhar com que costurassem para mim um casaco azul de Boston com gola cinza de pele de cordeiro caracul. E ele sabia disso.

Até hoje lembro que, ao ir embora para o front, o meu irmão me deu dinheiro para o casaco. E nós levávamos uma vida modesta, mal chegava para tapar os buracos do orçamento familiar. Mas minha mãe teria comprado o sobretudo para mim, já que meu irmão tinha pedido. Ela não teve tempo de nada.

Começaram a bombardear Minsk. Eu e minha mãe nos mudamos para o porão de pedra dos vizinhos. Minha gata preferida, muito arisca, não ia a lugar nenhum além do pátio, mas, quando começaram a bombardear, e eu corria do pátio para a casa dos vizinhos, a gata me seguia. Eu a enxotava, “Vá para casa!”, mas ela me seguia. Ela também tinha medo de ficar só. As bombas alemãs voavam com um zumbido, um gemido. Eu era uma menina musical, isso tinha uma influência forte sobre mim. Esses sons... Davam tanto medo que as palmas das minhas mãozinhas ficavam molhadas. No porão, o filho dos vizinhos, de quatro anos, ficava conosco, ele não chorava. Só os olhos dele ficavam grandes.

No começo queimavam casas isoladas, depois a cidade pegou fogo. Gostamos de olhar para o fogo, para uma fogueira, mas dá medo quando uma casa queima, e ali o fogo vinha de todos os lados, a fumaça cobria todas as ruas. E em alguns lugares havia

uma luminosidade forte... Do fogo... Lembro de três janelas abertas numa casa de madeira, e, no peitoril, alguns cactos luxuosos. Já não havia gente naquela casa, só os cactos florescendo. Sentia que não eram flores vermelhas, e sim chamuscas. As flores estavam queimando.

Corremos.

Nos alimentavam nas estradas com pão e leite, não havia mais nada. E estávamos sem dinheiro. Saí de casa com um lenço, e minha mãe por algum motivo fugiu com o casaco de inverno e sapatos de salto. Nos davam comida assim, por nada, ninguém mencionava dinheiro. Os refugiados passavam em multidões.

Depois, algum dos que iam na frente informou que a estrada estava interrompida por motociclistas alemães. Corremos para trás passando pelas mesmas aldeias, pelas mesmas tias com jarras de leite. Chegamos correndo à nossa rua... Ainda poucos dias antes ali havia verde, havia flores, e agora fora tudo consumido pelo fogo. Mesmo das telhas centenárias não sobrara nada. Tudo fora queimado até ficar só areia amarela. A terra negra, na qual tudo cresce, havia sumido, e só sobrara uma areia amarela, amarela. Só areia. Como se você estivesse ao lado de túmulos recém-cavados...

Sobraram os fornos das fábricas; eles estavam brancos, calcinados pelo forte fogo. Não havia mais nada conhecido... A rua inteira tinha queimado. Queimaram as avós e os avôs e muitas crianças pequenas, porque eles não haviam fugido junto com todo mundo, achavam que não tocariam neles. O fogo não poupou ninguém. Você andava e havia um cadáver negro, um velho havia sido queimado. E se você via ao longe algo pequeno, rosado, isso queria dizer que era uma criança. Eles ficavam deitados sobre o carvão, rosados...

Mamãe tirou o lenço e vendou meus olhos. Assim, chega-

mos à nossa casa, ao mesmo lugar onde, alguns dias antes, ficava nossa casa. Não havia casa. Fomos recebidas por nossa gata, que fora salva por um milagre. Ela se apertou contra mim, e pronto. Ninguém conseguia falar. Nem a gata miava. Ela passou alguns dias calada. Todos emudeceram.

Avistei os primeiros fascistas, nem avistei, mas ouvi — todos eles usavam botas com chapas de ferro, faziam barulho quando pisavam. Batiam pela nossa calçada. Eu achava que até a terra sentia dor quando eles andavam.

E o lilás floresceu tanto naquele ano... A cereja-galega floresceu tanto...

“MESMO ASSIM, EU QUERO A MAMÃE...”

*Zina Kossiak, oito anos. Hoje: cabeleireira*

No primeiro ano na escola...

Terminei o primeiro ano em maio de 1941, e meus pais me levaram para um acampamento dos pioneiros em Gorodische, perto de Minsk. Cheguei, nadei uma vez, e dois dias depois: guerra. Puseram a gente num trem e nos levaram. Os aviões alemães voavam, e nós gritávamos: “Viva!”. Não entendíamos que podiam ser aviões do inimigo. Até que começaram a bombardear. Então, sumiu todo o colorido. Todas as cores. Apareceu pela primeira vez a palavra “morte”, todos começaram a falar essa palavra incompreensível. Mas a mamãe e o papai não estavam por perto.

Quando saímos do acampamento, para cada um despejaram algo numa fronha — um recebeu cereais; outro, açúcar. Não pouparam nem os menores, todos receberam algo para levar. Queriam levar a maior quantidade de comida possível para a estrada, eles cuidavam muito desses produtos. Mas no trem vimos

soldados feridos. Eles estavam gemendo, estavam com tanta dor, dava vontade de entregar tudo para esses soldados. Entre nós isso se chamava “alimentar os papais”. Chamávamos todos os militares de papai.

Nos contaram que Minsk estava queimando, havia queimado inteira, os alemães já estavam lá, e nós estávamos indo para a retaguarda. Estávamos indo para o lugar onde não havia guerra.

Viajamos por mais de um mês. Nos enviaram para alguma cidade, chegamos ao endereço mas não podiam nos deixar ali porque os alemães já estavam próximos. E assim fomos até a Mordóvia.

É um lugar muito bonito, havia umas igrejas ali por perto. As casas eram baixas, e as igrejas, altas. Não havia lugar para dormir, dormíamos sobre a palha. Veio o inverno, para cada quatro só tínhamos um par de botinhas. E depois começou a fome. Não só os orfanatos passavam fome, as pessoas ao nosso redor também, porque entregavam tudo para o front. Moravam 250 crianças no orfanato, e uma vez nos chamaram para o almoço, mas não havia nada para comer. A educadora e a diretora estavam sentadas no refeitório olhando para a gente, e os olhos delas estavam cheios de lágrimas. Tínhamos uma égua, a Maika... Ela era muito velha e muito carinhosa, nós a usávamos para carregar água. No dia seguinte mataram a Maika. E nos davam água e uns pedacinhos assim pequenininhos da Maika... Esconderam isso de nós por muito tempo. Não conseguiríamos comê-la... De jeito nenhum! Era o único cavalo do nosso orfanato. E também tinha dois gatos famintos. Uns esqueletos! Que bom, pensamos depois, que sorte que os gatos são tão magros, não vamos ter que comê-los. Não havia nada para comer.

Tínhamos barrigas enormes: eu, por exemplo, podia tomar um balde de sopa porque nessa sopa não havia nada. Quanto mais pusessem para mim, mais eu tomava e tomava. A natureza nos salvou, éramos como animais ruminantes. Na primavera,

num raio de alguns quilômetros ao redor do orfanato, não brotava uma só árvore... Tínhamos comido todos os brotos, arrancávamos até a casca nova. Comíamos capim, comíamos tudo o que havia pela frente. Haviam dado umas jaquetas para a gente, e nessas jaquetas fizemos bolsos e carregávamos capim, carregávamos e mastigávamos. O verão nos salvava, e no inverno ficava muito difícil. De crianças pequenas éramos umas quarenta, nos instalaram separadamente. À noite — berros. Chamávamos por mamãe e papai. Os educadores e professores tentavam não dizer a palavra “mãe” na nossa frente. Eles nos contavam histórias e escolhiam os livrinhos que não tinham essa palavra. Se de repente alguém falava “mãe”, na hora começava um chororô. Um choro inconsolável.

Fui para o primeiro ano de novo. E aconteceu assim: terminei o primeiro ano com um diploma de aprovada com honra, mas, quando chegamos ao orfanato e nos perguntaram quem tinha o exame de segundo ano, eu disse que tinha, porque entendi que segundo ano era quem tinha sido aprovada com honra. No terceiro ano, fugi do orfanato. Fui procurar a mamãe. O vovô Bolchakov me encontrou na floresta, faminta e esgotada. Soube que eu era do orfanato e me levou para a família dele. Ali viviam os dois, ele e a vovó. Eu me fortaleci e comecei a ajudá-los nas tarefas da casa: juntava capim, sachava a batata — fazia de tudo. Comíamos pão, mas era um pão que não tinha quase nada de pão. Amargo, amargo. Misturávamos na farinha tudo o que se mói: anserina, flores de castanha, batata. Até hoje não consigo olhar para capim-gordura e como muito pão. Não consigo me cansar de comer pão... Depois de décadas...

E ainda assim, de quanta coisa me lembro. Ainda me lembro de muita coisa...

Lembro de uma menina pequena e louca que se enfiava na horta, encontrava uma toca e ficava ao lado dela vigiando o rato. A menina queria comer. Lembro do rosto dela, até do sarafazi-



nho\* que ela usava. Uma vez eu cheguei perto dela e ela me... contou... Do rato... Nos sentamos e ficamos vigiando esse rato...

Passei a guerra toda esperando que, quando acabasse, eu e o vovô fôssemos atrelar o cavalo e buscar a mamãe. Passavam evacuados pela casa, eu perguntava para todos se não tinham visto minha mãe. Havia muitos evacuados, tantos que cada casa possuía um pote de ferro com urtiga quente. Assim, se alguém viesse, haveria algo quente para morder. Não havia mais nada para oferecer. Mas o pote de ferro com urtiga tinha em todas as casas. Disso me lembro bem. Eu colhia essa urtiga.

A guerra acabou... Esperei um dia, dois, ninguém veio me procurar. Minha mãe não veio me buscar, e papai estava no Exército, eu sabia. Esperei assim por duas semanas, já não tinha mais forças para esperar. Me enfiei em algum trem, debaixo de um banco, e fui... Para onde? Não sabia. Eu achava (ainda era uma consciência de criança) que todos os trens iam para Minsk. E que em Minsk a mamãe me esperava! Depois viria papai... Um herói! Com condecorações, com medalhas.

Eles tinham sumido num bombardeio. Depois os vizinhos me contaram que eles tinham saído juntos para me procurar. Correram para a estação de trem.

Eu já tenho 51 anos, tenho meus filhos. Mesmo assim, eu quero a mamãe...

“OS BRINQUEDOS ALEMÃES ERAM TÃO BONITOS...”

*Táissa Nasviétnikova, sete anos. Hoje: professora escolar*

Antes da guerra...

\* Tipo de vestido.

Como me lembro... Tudo estava bem: o jardim de infância, as matinês, nosso pátio. As meninas e os meninos. Eu lia muito, tinha medo de vermes e amava cachorros. Morávamos em Vítebsk, papai trabalhava num departamento de construção. Da infância, o que mais me ficou na memória é como papai me ensinou a nadar no rio Duína.

E depois veio a escola. Da escola só me ficou esta impressão: uma escada muito ampla, uma parede transparente de vidro e muito sol, muita alegria. Havia uma sensação de que a vida era uma festa.

Bem nos primeiros dias papai foi para o front. Lembro da despedida na estação de trem... Papai passou o tempo todo dizendo para mamãe que eles expulsariam os alemães, mas queria que evacuássemos. Mamãe não entendia: para quê? Se ficássemos em casa, ele nos encontraria mais rápido. Na hora. E eu ficava falando: “Papaizinho, querido! Só volte logo. Papaizinho querido...”.

Meu pai foi embora, alguns dias depois nós também fomos. Na estrada nos bombardeavam o tempo todo, era fácil porque os trens para a retaguarda andavam a quinhentos metros um do outro. Viajávamos com pouca bagagem: mamãe, com um vestido de cetim de bolinhas brancas; eu, com um sarafazinho de chita vermelha com florzinhas. Todos os adultos diziam que o vermelho era muito fácil de ver de cima, e logo que começava um ataque todos corriam para os arbustos e me cobriam como podiam para que esse meu sarafazinho não fosse visto, senão eu seria como uma lamparina.

Bebíamos água de pântanos e valas. Começaram as doenças intestinais. Eu também fiquei doente. Passei três dias inconsciente... Depois, minha mãe me contou como me salvaram. Quando paramos em Briansk, havia um vagão militar nos trilhos ao lado. Minha mãe tinha 26 anos, ela era muito bonita. Nosso trem passou muito tempo parado. Ela saiu do vagão, e algum oficial da-

quele trem lhe fez um elogio. Mamãe pediu: “Saia, não consigo olhar para o seu sorriso. Minha filha está morrendo”. Acabou que o oficial era um enfermeiro militar. Ele subiu no vagão, me examinou e chamou um camarada. “Rapidinho, traga chá, torradas e beladona.” Pois essas torradas dos soldados... um litro de chá forte e alguns comprimidos de beladona salvaram minha vida.

Enquanto íamos para Aktiúbinsk, todo o trem ficou doente. Não deixavam que nós, crianças, fôssemos para onde estavam os mortos e assassinados, nos preservavam dessa cena. Só escutávamos as conversas: ali enterraram tantos na vala, ali tantos... Mamãe vinha com um rosto pálido, pálido, as mãos tremendo. E eu perguntava: “Onde foram parar aquelas pessoas?”

Não me lembro de nenhuma paisagem. Isso é muito surpreendente, porque eu amava a natureza. Lembro só dos arbustos sob os quais nos escondíamos. Os barrancos. Por algum motivo me parecia que não havia florestas em lugar nenhum, viajávamos apenas por entre campos, por entre uma espécie de deserto. Uma vez senti tanto medo que, depois disso, já não temia nenhum bombardeio. Não nos avisaram que o trem pararia por dez, quinze minutos. Pouco. O trem partiu, e eu fiquei. Sozinha... Não me lembro quem me agarrou... Literalmente me jogaram para dentro do vagão. Não do nosso vagão, mas num dos últimos. Então pela primeira vez me assustei com a ideia de que ficaria sozinha, e mamãe fora embora. Enquanto mamãe estava por perto, nada dava medo. Mas ali eu fiquei muda de medo. E, enquanto mamãe não veio correndo até mim e me agarrou nos braços, fiquei muda, ninguém conseguiu tirar uma palavra de mim. Mamãe era meu mundo. Meu planeta. Mesmo se eu sentisse alguma dor, pegava na mão da mamãe, e a dor passava. À noite eu sempre dormia juntinho dela, quanto mais grudada nela, menos medo sentia. Se a mamãe estivesse perto, parecia que tínhamos tudo: como era antes, em casa. Fechava os olhos, e não havia nenhuma guerra.

Mamãe só não gostava de conversar sobre a morte. E eu perguntava o tempo todo...

De Aktiúbinsk fomos para Magnitogorsk, lá vivia o irmão de papai. Antes da guerra ele tinha uma família grande, com muitos homens, mas quando chegamos só moravam mulheres na casa. Todos os homens tinham ido para a guerra. No fim de 1941 recebemos dois comunicados de morte em combate — os filhos do meu tio haviam morrido.

Daquele inverno também me ficou na memória uma catapora que toda a escola pegou. E as calças vermelhas... Com os cartões de racionamento, mamãe recebeu um corte de flanela bordô, e com ele costurou calças para mim. As crianças me provocavam, me chamavam de “abelha da calça vermelha”. Eu ficava muito ofendida. Um pouco depois, com os cartões, recebemos galochas, eu as amarrava e corria assim. Elas machucavam perto dos ossos, e toda hora tinha que pôr algo debaixo dos calcanhares, para que o pé ficasse mais alto e eu não me machucasse. Mas o inverno era tão frio que minhas mãos e pés estavam sempre gelados. Na escola o aquecimento vivia quebrando, nas salas a água congelava no chão e nós deslizávamos entre as carteiras. Estudávamos vestindo o casaco e as luvinhas, das quais cortávamos os dedos para conseguir segurar a caneta. Lembro que não podíamos ofender nem provocar os que tinham perdido o pai. O castigo para isso era severo. E também todos líamos muito. Como nunca... Lemos e releemos a biblioteca infantil e juvenil. E começaram a nos dar livros de adultos. As outras meninas tinham medo... Nem os meninos gostavam, pulavam as páginas onde se escrevia sobre a morte. Mas eu lia.

Nevou muito. Todas as crianças saíam correndo para a rua e faziam bonecos de neve. Mas eu não entendia: não conseguia fazer um boneco de neve e me alegrar se estávamos em guerra.

Os adultos escutavam rádio o tempo todo, não conseguiam

viver sem o rádio. Nós também. Nos alegrávamos por cada salva de artilharia em Moscou, sofriamos com cada comunicado: como está lá no front? Na clandestinidade, entre os *partisans*? Saíram filmes sobre a batalha de Stalingrado e Moscou, nós os vimos umas quinze, vinte vezes. Passavam três vezes seguidas, nós assistíamos as três vezes. Passavam os filmes nas escolas, não havia uma sala de cinema especial, passavam no corredor e nos sentávamos no chão. Ficávamos sentados por volta de duas, três horas. A morte ficava na minha memória... Mamãe brigava comigo por isso. Se aconselhava com médicos, perguntava por que eu era assim... Por que eu me interessava por coisas tão pouco infantis como a morte? Como me ensinar a pensar em coisas de criança...?

Eu reli as histórias... Histórias infantis... O que eu notei de novo? Notei como nelas se mata muito. Há muito sangue. Isso foi uma descoberta para mim...

No fim de 1941... Vi os primeiros prisioneiros alemães... Eles estavam andando em uma coluna larga pela rua. E eu fiquei estupefata de ver que as pessoas se aproximavam deles e davam pão. Fiquei tão estupefata que corri para o trabalho da minha mãe para perguntar: “Por que os nossos estão dando pão para os alemães?”. Mamãe não disse nada, só começou a chorar. Nessa mesma época vi o primeiro morto com uniforme alemão, ele estava andando, andando na fileira e caiu. A fila parou e depois seguiu em frente, e puseram um soldado nosso ao lado dele. Eu corri para perto... Fui atraída pela vontade de ver a morte de perto, de estar ao lado. Quando declaravam as baixas do inimigo no rádio, nós sempre nos alegrávamos... Mas ali... Eu vi... O homem parecia dormir... Ele nem estava deitado, e sim sentado, meio curvado, a cabeça um pouco sobre o ombro. Eu não sabia: é para odiar ou para ter pena? Era o inimigo. Nosso inimigo! Não me lembro: era jovem ou velho? Parecia muito cansado. Por isso

me era difícil odiá-lo. Também contei isso para a mamãe. Ela chorou de novo.

No dia 9 de maio acordamos de manhã com alguém gritando muito na portaria. Ainda era muito cedo. Minha mãe foi saber o que tinha acontecido, chegou correndo desnorreada: “Vitória! É mesmo a vitória?”. Era tão inesperado: a guerra tinha acabado, uma guerra tão longa. Um chorava, outro ria, outro gritava... Choravam os que tinham perdido alguém próximo, se alegravam porque mesmo assim era a Vitória! Alguém tinha um punhadinho de cereais, outra pessoa tinha batata, um outro beterraba: todos trouxeram algo para o apartamento. Nunca vou me esquecer desse dia. Daquela manhã... Mesmo de tarde já não era a mesma coisa...

Durante a guerra, por algum motivo, todos falavam baixo, até me parecia que sussurravam, e de repente todos começaram a falar alto. O tempo todo ficávamos perto dos adultos, eles nos davam comida, faziam carinho e nos mandavam embora: “Vá para a rua. Hoje é festa”. E chamavam de volta. Nunca nos abraçaram e beijaram tanto como naquele dia.

Mas eu sou uma pessoa de sorte, meu pai voltou da guerra. Papai trouxe brinquedos lindos. Eram brinquedos alemães. Eu não conseguia entender como podiam ser tão bonitos...

Também tentei começar a falar sobre a morte com o papai. Sobre os bombardeios que eu e mamãe sofremos quando fomos evacuadas... Como ao longo dos dois lados das estradas nossos soldados jaziam mortos. O rosto deles estava coberto com galhos. Acima, zumbiam moscas... Nuvens de moscas... Sobre o alemão morto... Contei do pai da minha amiguinha que tinha voltado da guerra e poucos dias depois morreu. Morreu de uma doença do coração. Eu não conseguia entender: como era possível morrer depois da guerra, quando todos estavam felizes?

Papai ficava calado.